

José Eduardo Agualusa

Um Estranho em Goa



QUETZAL língua comum | José Eduardo Agualusa

Plácido Domingo contempla o Mandovi



*Onde será que isso começa
A correnteza sem paragem
O viajar de uma viagem
A outra viagem que não cessa?*

CAETANO VELOSO, *O Nome da Cidade*

Los viajes son una metáfora, una réplica terrenal del único viaje que de verdad, importa: el viaje interior. El viajero peregrino se dirige, más allá del último horizonte, hacia una meta que ya está presente en lo más íntimo de su ser, aunque aún siga oculta a su mirada. Se trata de descubrir esa meta, que equivale a descubrir-se a sí mismo; no se trata de conocer al otro.

JAVIER MORO, «Sedentarios que dan vueltas», *Altair*,
inverno de 2000

AS GRALHAS, LÁ FORA, ralham umas com as outras. Arranham a noite numa algazarra áspera. Viro-me no colchão tentando encontrar um pedaço fresco de lençol. Sinto que estou a ser cozinhado ao vapor como se fosse um legume. Salto da cama e sento-me no parapeito da janela. Se fumas-se — nunca fumei — seria agora a altura certa para acender um cigarro. Assim, fico a olhar a enorme figueira (*Ficus benghalensis*) no quintal, tentando seguir entre as sombras o combate das gralhas. Não sopra o alívio de uma brisa. A noite, porém, girando por sobre Pangim imensa e límpida, com a sua torrente de estrelas, refresca-me a alma.

Penso nesta frase e não gosto dela. Está uma noite de cristal, funda, transparente, e isso produz, realmente, uma certa sensação de frescura. Acho que do que não gosto nesta frase é da palavra alma. Alma parece-me uma palavra muito grande. Já toda a gente abusou dela, poetas medíocres, filósofos, guerreiros, conspiradores, mas ainda assim continua enorme. Risco a alma e mantenho as estrelas. Nas grandes cidades não é possível ver as estrelas.

Volto ao quarto e ligo o computador. A frase «O que faço eu aqui?», título de uma recolha de textos de Bruce Chatwin, desliza lentamente no ecrã. Uso-a desde há muito como cortina de proteção. Nesta cidade remota, à uma hora da madrugada, parece-me uma boa pergunta.

Uma vez uma jovem jornalista quis saber porque é que eu escrevia. Os jornalistas menos experientes costumam perguntar isto a quem escreve, para ganhar tempo, enquanto pensam no que vão perguntar em seguida. Há quem assuma, com ar trágico, que a literatura é um destino: «Escrevo para não morrer.» Outros fingem desvalorizar o próprio ofício: «Escrevo porque não sei dançar.» Finalmente existem aqueles, raros, que preferem dizer a verdade: «Escrevo para que gostem de mim.» (o português José Riço Direitinho) ou «Escrevo porque não tenho olhos verdes.» (o brasileiro Lúcio Cardoso). Podia ter respondido alguma coisa deste género, mas decidi pensar um pouco, como se a pergunta fosse séria, e para minha própria surpresa encontrei um bom motivo: «Escrevo porque quero saber o fim.» Começo uma história e depois continuo a escrever porque tenho de saber como termina. Foi também por isso que fiz esta viagem. Vim à procura de uma personagem. Quero saber como termina a história dela.

«HÁ ALGUM TEMPO QUE PRETENDO CONTAR a história de Plácido Domingo. Hesitei em fazer isso antes porque já existe o Plácido Domingo, o tenor, mas nunca me conformei. Certos nomes deviam ser obedecidos, isto é, deviam implicar um destino.»

Escrevi, há alguns anos, um conto que começava assim. Muita gente me perguntou se a história era verdadeira. Costumo insinuar, quando a propósito de outras histórias me fazem idêntica pergunta, que já não sei onde ficou a verdade — embora me recorde perfeitamente de ter inventado tudo do princípio ao fim. Naquele caso fiz o contrário. «Tretas», menti, «pura ficção». Disse isto porque queria encontrá-lo. Inventei um nome para ele, ou nem isso, dei-lhe o nome de outro homem.

No meu conto, Plácido Domingo, um velho de pele dourada, seco, gestos demorados, a fala antiga e cerimoniosa de um cavalheiro do século XIX, vive em Corumbá, pequena cidade nas margens do rio Paraguai, junto à fronteira com a Bolívia. Nessa altura, é claro, eu já sabia que Plácido Domingo se havia escondido em Goa.

«Imagino-o a descer todas as tardes a mesma rua deserta. Vejo-o sentar-se no café, junto ao cais, de frente para as largas águas do rio. O dono do café, um índio melancólico, cumprimenta-o sem se mover:

— Boas tardes, *señor* Plácido!

O velho responde inclinando levemente a cabeça. Com as lentas mãos desdobra o lenço e limpa o suor da testa. O tempo enrosca-se aos seus pés como um cachorro vadio. Plácido Domingo, a minha personagem, esconde, debaixo do grande sol de Corumbá, sob a mansidão de um quotidiano sempre igual, um antigo segredo. Na cidade ninguém sabe de onde ele veio. Chegou há vinte anos num vapor cansado, alugou um quarto no Hotel Paraíso, e por ali ficou. Uma vez por semana Plácido Domingo cruza a fronteira e vai até Puerto Suarez. Encontraram-no uma vez remexendo velhos trastes cobertos de poeira, num sombrio barraco de bugres, e foi quanto bastou para que dissessem que se dedicava a comprar e a vender as famosas cabeças reduzidas dos jívaros. Insinuaram-se até coisas piores. Sentado na sua cadeira, Plácido Domingo espera que o índio lhe traga, como todas as tardes, o caldo de piranha. Leva devagar a colher à boca e deixa que o calor lhe dilate o peito. Revigorado, abraça-se à bengala e fica ali, a olhar o rio, à espera de que a noite se deite por inteiro, como uma manta de estrelas, sobre os sobrados tristes, a imensa planície inundada, a áspera gritaria dos pássaros. Foi naquele café, precisamente àquela hora, que eu o encontrei.

Logo que o vi soube que era ele. Trouxera consigo várias fotografias. Numa delas Plácido Domingo estava vestido de camuflado e estudava um mapa. Era um homem bonito, alto e sólido, de bigode e pera ao estilo da época — todos os homens queriam ficar parecidos com Lenine. Numa outra fotografia aparecia encostado a um jipe, sorrindo, rodeado por jovens guerrilheiros. Havia ainda uma

imagem preciosa: Plácido Domingo, com uma metralhadora a tiracolo, ao lado de Agostinho Neto e de Mário Pinto de Andrade. Coloquei as fotografias em cima da mesa:

— Comandante Maciel?

Ia a dizer, presumo, mas contive-me. O velho olhou para mim sem surpresa:

— Demorou muito, meu jovem.»

Trouxe as fotografias comigo. Espalho-as sobre a cama. Conheço de cor cada uma delas. Existe de facto essa imagem preciosa: Plácido Domingo, com uma metralhadora a tiracolo, ao lado de Agostinho Neto e de Mário Pinto de Andrade. Continuemos:

«Eu estava em Corumbá há uma semana. Viajara durante dois dias, de ônibus, entre o Rio de Janeiro e Campo Grande. Em Campo Grande entrevistei o poeta Manoel de Barros. Já a caminho de Corumbá, enquanto o ônibus seguia aos solavancos por uma estrada de terra, tive tempo para reler a minha coleção de artigos sobre o comandante Maciel. Pouca gente conhecia o seu verdadeiro nome: Plácido Afonso Domingo.

Em 1962 ele era capitão do exército português. Nesse ano, numa operação cujo escândalo o regime de Salazar não conseguiu sufocar, desviou um avião para Brazavile e juntou-se aos guerrilheiros do MPLA. Desaparecia o capitão Afonso Domingo e nascia um mito: o comandante Maciel. Após a Revolução de Abril desembarcou no aeroporto de Luanda, com outros dirigentes do movimento, e foi levado em ombros por uma multidão febril.»

Num dos artigos que eu trouxe, um recorte do jornal *Diário de Luanda*, com a data de 15 de agosto de 1974, há uma fotografia que mostra a chegada a Luanda de alguns dirigentes do MPLA. Um dos homens, em primeiro plano, parece intrigado e receoso. Consigo escutar, à distância de

vinte e cinco anos, o coração dele: «Chegámos, minha mãe, chegámos onde?» No artigo não se faz menção ao comandante Maciel, mas disseram-me que veio com aquele grupo. Podia ser o tipo que aparece de costas, no canto superior esquerdo, abraçando uma mulher.

«A estrada corria por entre lagoas brilhantes. Vi os jacarés adormecidos ao sol. Vi uma sucuri enrolada num pau. Pouco a pouco o céu mudou de cor e as árvores encheram-se de pássaros: garças de asas luminosas, araras vermelhas, bandos de periquitos. As primeiras luzes de Corumbá brilhavam na noite quando me lembrei da velha cidade do Dondo (Plácido Domingo era do Dondo). Na manhã seguinte, ao contemplar o rio, compreendi o que levaria o velho guerrilheiro a ficar ali. Aquele era o rio Quanza. As casas, adormecidas ao sol, repetiam o claro desenho das ruas do Dondo. Atordoado pelo calor, voltei a experimentar o estranho sentimento de me encontrar num lugar esquecido. O mundo passara por aquelas ruas e fora-se embora. O branco casario do porto pertencia a uma outra era, quando o futuro começava em Corumbá. Um velho pescador, limpando o suor do rosto com a ponta da camisa, contou-me que a cidade já fora o maior porto da América Latina. Eu conhecia a história. Primeiro a opulência, o fausto, a seguir a notícia de que o comboio avançara do litoral até uma cidade próxima, deixando o rio de ser o principal caminho. E depois o abandono.

Risquei a segunda pergunta do meu caderno de apontamentos:

— Porque decidiu viver em Corumbá?

A primeira pergunta, na verdade, é que me fizera percorrer aquela distância toda:

— O senhor saiu de Angola em 1975 e não regressou. O que aconteceu?

Plácido Domingo estava à espera de que eu lhe perguntasse aquilo. Acho que esperara vinte anos:

— Muito provavelmente você vai-se arrepender de me ter feito essa pergunta...

Em 1975 toda a gente acreditava que ele seria nomeado ministro da Defesa. Porém, poucas semanas antes da independência, Agostinho Neto enviou-o a Cuba, numa missão secreta, e nunca mais ninguém o viu. Disseram que a FNLA o atraía para uma armadilha. Disseram que se zangara com Fidel Castro. Disseram que havia fugido com uma fortuna em diamantes. Disseram que morrera em Havana de um ataque cardíaco.

— Disseram muita coisa acerca de mim — concordou Plácido Domingo —, e nem se aproximaram da verdade.

Calou-se e eu pensei que ele não me iria responder. Mas respondeu:

— Trabalhei sempre para os portugueses. Fui agente da Polícia de Informação e Defesa do Estado, a PIDE. Quando desviei o avião para Brazavile levava como missão infiltrar-me nas estruturas do MPLA, e foi isso que fiz.

Compreendi que me teria contado toda a história ainda que eu não lhe fizesse nenhuma pergunta. Ele precisava de contar aquilo a alguém para que a sua vida parecesse ter sentido.

— A revolução apanhou-nos de surpresa. Num dia tínhamos o terrorismo quase controlado e no dia seguinte os terroristas estavam no poder.

Calou-se outra vez. Um barco apitou longamente enquanto se afundava na noite. O velho quis saber se Lúcio Lara já morrera. E Iko Carreira? Eu disse-lhe que os dois ainda estavam vivos. Ele suspirou:

— Imagine uma criança segurando um papagaio de papel. Imagine que alguém aparece de repente e com uma lâmina corta o cordel que segura o papagaio. Quando se deu

o 25 de Abril eu senti-me como esse papagaio. Num dia possuía uma pátria, uma missão, era um soldado e cumpria ordens. No dia seguinte Portugal, aquele Portugal que era a minha pátria, já não existia, já não existia quem segurava os cordéis. Tudo isso deixara de existir e eu era realmente um terrorista pago por Moscovo.

Levantou-se e apontou com a bengala na direção do rio:

— O Quanza, não acha?

Perguntei-lhe se mais alguém, em Angola, conhecia aquela história. Plácido Domingo olhou para mim como se eu fosse uma criança:

— Havia mais gente infiltrada no movimento, é claro, e dois ou três jovens em posições importantes. Esses ficaram ao lado dos comunistas e hoje, possivelmente, ocupam posições ainda mais importantes.

Entregou-me as fotografias:

— Fique com elas. Esse homem não sou eu.»

ESTOU ALOJADO NUM CASARÃO ANTIGO, decrépito, cujas paredes, de um amarelo prodigioso, dir-se-iam perpetuamente iluminadas pelo furor do crepúsculo. Chama-se Grande Hotel do Oriente. Apenas o nome, gravado numa larga placa de madeira sobre a fachada em ruínas, guarda ainda o brilho do passado irrecuperável. Há por aqui, em Goa, muita gente como este meu hotel. Os últimos descendentes da velha aristocracia católica ostentam nomes igualmente improváveis, tão portugueses que nem em Portugal existem mais, e fazem-no com o orgulho melancólico de quem tudo teve e tudo viu ruir e desaparecer. O povo, no entanto, usa-os sem entendimento, corrompe-os alegremente, à semelhança de um pobre merceeiro que achasse na rua uma edição rara d' *Os Lusíadas* e se servisse das suas páginas para rabiscar nas margens a contabilidade do dia.

Ao sair do aeroporto de Dabolim, aturdido pelo calor, o cansaço de duas noites sem dormir e sobretudo o confuso alvoroço da multidão em festa, abandonei a minha mala, aliviado, nas mãos do primeiro motorista de táxi. Tive sorte. Sal parece um tipo honesto e interessante. Católico.

O tabliê do carro, transformado em altar, proclama isso mesmo: há uma Virgem Maria dentro de uma redoma de vidro, com pequenas luzes coloridas que piscam ao ritmo da música, uma minúscula urna com o corpo incorrupto de São Francisco Xavier, um crucifixo de prata suspenso do espelho retrovisor. Porém, o que primeiro me chamou a atenção foi a bandeira azul e branca do Futebol Clube do Porto.

— Você fala português?

Sal riu-se:

— Bom dia...

O português dele, infelizmente, resume-se a isto. Um táxi com a bandeira do Futebol Clube do Porto é uma coisa que apenas esperava encontrar na cidade do Porto. Se fosse do Sporting ou do Benfica, clubes menos regionais, não estranharia tanto. Ontem, curiosamente, em conversa com o escritor Mário Cabral e Sá, soube que nos anos cinquenta se chegou a criar um Futebol Clube do Porto de Siolim: «Copiávamos tudo de Portugal.» — disse-me ele com amargurada ironia. O táxi de Sal também tem uma bandeira portuguesa, colada no vidro posterior, ao lado de outra da União Europeia. Finalmente — foi isso que me conquistou — Sal deu ao seu carro um belo nome, Princesa de Goa, e escreveu-o a tinta dourada em ambas as portas.

O meu motorista (há seis dias que ando com ele) odeia os hindus. «Se houver uma guerra na Índia entre mouros e hindus», confia-me, e dir-se-ia interessado em que isso aconteça, «nós, os católicos, vamos apoiar os mouros.» Nos últimos meses têm surgido na imprensa alguns artigos exigindo ao papa que peça perdão, em nome da Igreja, pelos crimes que o Santo Ofício cometeu na Índia. Isto deixa Sal verdadeiramente enfurecido:

— A Inquisição — defende — foi um assunto entre católicos. Ninguém importunou os hindus.

Podia responder-lhe que todos em Goa eram hindus antes das conversões em massa, e que essas conversões se conseguiram bastantes vezes pelo terror — mas não vale a pena. Tenho ao meu lado um guerreiro numa cruzada:

— Olhe bem para os deuses deles. Homens com cabeça de elefante, outros com cara de macaco, mulheres com seis braços, como as aranhas, é uma coleção de monstros! Não entendo como alguém pode adorar figuras assim. Agora olhe para a Nossa Senhora, tão linda, veja como a luz se desprende dela...

Disse-me isto apontando para a imagem no tabliê, com as luzes dançando ao ritmo dolente de um bolero, e desse modo me foi catequizando. O carro, um velho *Chevrolet*, movia-se aos sobressaltos através de uma paisagem extravagante, muito verde, de um verde sufocador, em meio ao qual irrompia de quando em vez o prodígio barroco de uma igreja. A luz declinava, morria, quando uma chuva brusca caiu sobre a estrada. Assim que desapareceu, tão depressa como havia chegado, vi que emergíamos em meio a um horizonte liso e dourado de campos de arroz. Havia coqueiros ao fundo. Arroz e cocos: foi disto que Goa viveu durante séculos, além da fé, é óbvio.

Susana Baca cantava com uma voz de milagre. «*Esta tarde llueve, como nunca / y no tengo ganas de vivir, corazón / Esta tarde es dulce / por qué no ha de ser?*». As cassetes são minhas. A música negra da América Latina harmoniza-se com o excesso e o cansaço. Atravessámos pequenas cidades que a humidade escureceu. Lembram despojos de um naufrágio abandonados ao acaso sobre a praia. À medida que nos fomos aproximando de Anjuna comecei a ver estrangeiros, a pé, de bicicleta, a maior parte de lambreta. Alguns eram velhos *hippies*, aparentando ainda mais idade pelo esforço que revelam em se aproximar dos jovens, o cabelo já ralo, grisalho, apanhado num rabo de cavalo, lenço

ao pescoço, tronco nu coberto de tatuagens. Duas moças loiras, de motorizada, passaram por nós, ziguezagueando perigosamente, tão perto que eu consegui ver o medo nos olhos da que seguia atrás. Sal raramente ultrapassa os oitenta quilómetros por hora, mas isso, nestas estradas estreitas, é uma vertigem. Na retaguarda dos camiões está escrito: «*Horn — Please — OK*». E toda a gente buzina, por favor, de forma que as estradas parecem em permanente festa — ou em perpétuo estado de insurreição, depende da perspetiva.

Perguntei-lhe de onde veio aquele nome, Sal, inédito para mim. Estaria à espera, na Índia, de encontrar alguém chamado, sei lá, Pimenta, Cravinho, até Açafrão, mas nunca Sal. A resposta deixou-me atordoado. Pedi-lhe para repetir e ele, dessa vez, disse-me o nome completo. Torce-o, porém, tão cruelmente, que só quando o vi escrito o compreendi — Salazar Barata de Sousa. Perguntei-lhe se sabia quem foi Salazar. Sal olhou para mim ofendido:

— Um grande português.

Salazar! Prefiro chamar-lhe Sal, realmente, ou Sousa, Senhor Sousa fica-lhe bem. Se alguém lançar uma pedra, em qualquer lugar de Goa, é quase certo que vai acertar num porco, numa igreja ou num Sousa. Já me citaram este provérbio uma dúzia de vezes. O provérbio preferido dos goeses, contudo, é outro, mas infelizmente deixou de fazer sentido há pelo menos uns trezentos anos: «Quem foi a Goa não precisa de ir a Lisboa.»

Hoje, quarta-feira, faz-se feira em Anjuna. Desembarquei em Goa há menos de uma semana e já diversas pessoas me falaram na Feira de Anjuna. «Não vá», disseram-me, «para si não tem interesse nenhum.» Foi por isso que vim. Nunca deixo de procurar aquilo que os outros acham que não tem interesse para mim. À primeira vista, reconheço, isto não tem interesse. O mercado prospera à sombra dos coqueiros, mesmo na orla da praia. Não há nada que

se não venda ali: panos estampados, sandálias de couro, cassetes de *trance music*, postais, artesanato em madeira, bijuterias, tudo isto a preços inacreditavelmente baratos. Comprei, apenas por causa da cor — um vermelho incandescente, tão intenso que queima a vista —, uma enorme coberta em algodão. Custou-me 350 rupias.

Escrevo estas notas sentado à mesa de um bar, um botiquim ruidoso, onde se acumulam jovens (e não tão jovens) extraviados ingleses, alemães, israelitas, italianos, estranhos seres que não encontrei em Pangim. Confirma-se, pois, que os friques, os que restam, quando morrem vão para Anjuna. O bar parece ser o próprio coração do ruído. O tumulto organiza-se a partir daqui, concentra-se, ganha força, e depois espalha-se em vagas pela feira. Entalado entre um irlandês muito gordo, jovial, e uma americana de cabeça rapada, com umas belas sobranceiras negras e um brinco no nariz, sinto-me um estorvo. Reparo, com horror, que a americana tem a língua fendida. O irlandês tira a camisa e mostra-me o tronco, tatuado com a figura de um dragão, mas a mim parece-me que a exibição se destina sobretudo a impressionar a americana.

Atrás de mim, separado por uma rede de arame, aninha-se na poeira vermelha um encantador de serpentes. Acho-o triste. Acho-o um desencantador de serpentes. As infelizes parecem mortas de sono, ou de tédio. Ou ainda, e é o mais provável — de fome. O homem faz ondular a flauta e elas levantam a cabeça com enorme esforço, mas não são capazes de acompanhar o ritmo, cabeceiam desamparadas, e regressam rapidamente para dentro das suas caixas de palha. As serpentes são surdas. Elas não reagem à música fascinadas pelo poder da melodia: o que fazem é seguir os movimentos da flauta à procura do instante exato para dar o bote. Aquelas, porém, nem isso. O encantador salpica-as com um pouco de água e repete o número.

Ninguém lhe presta atenção. Algumas destas cobras são realmente venenosas. O seu proprietário, porém, trata de lhes arrancar as glândulas que produzem o veneno. Às cobras píton chegam ao ponto de coser a boca. Morrem de inanição em seis ou sete meses.

O irlandês quer saber de onde sou. Angola, respondo, e no instante seguinte já estou arrependido. «Onde fica isso?» Digo-lhe que também não sei, talvez ninguém saiba, suspeito até que não fique em parte alguma, e ele ri-se gostosamente, com o corpo todo, como um africano, de tal forma que eu próprio me rio. Pergunta-me que língua falo. Português. «Ah, português!». E então diz, claramente, num português com carregado sotaque do Porto:

— Não me chateies, caralho!...

É cozinheiro (ou foi cozinheiro) e trabalhou muito tempo, em Nova Iorque, com um chefe português. Explico-lhe o que significa a frase e estamos nisto, trocando gargalhadas e palavras, como velhos comparsas, quando passa diante de nós uma jovem europeia, muito alta, muito ruiva, vestida com um sari. É uma figura alheia, quero dizer, estranha à agitação que a cerca. Flutua de um lado para o outro, como se a soprasse uma bendita brisa, agacha-se um instante junto das quitandeiras do Nepal (anéis em prata soturna, colares de pedras preciosas, pesados brincos) e desaparece entre a multidão, seguida por dois cães negros, de pelo curto. Ocorre-me ao vê-la o verso solto de um samba:

— E ela pisava nos astros distraída...

O irlandês mostra-se tão surpreso quanto eu:

— Caralho!...

Sinto-me subitamente muito cansado. A americana levanta-se e o gordo estende-me a mão e segue-a — «vejo-te mais tarde» —, com a avidez de um adolescente em plena tempestade hormonal.

SAL DISSE-ME QUE É DE LOUTOLIM. Perguntei-lhe então se toda a família nascera nessa aldeia. «Não», respondeu impávido, «Eu nasci em Pangim.» Levei alguns minutos a perceber que em Goa quando se pergunta a alguém, «*where are you from?*», a pessoa não indica o lugar onde nasceu, e sim a aldeia de onde a família é originária. Se soubesse o apelido de Plácido Domingo seria fácil encontrá-lo. Infelizmente ignoro quase tudo sobre a família dele e nem sequer consegui apurar o seu nome de batismo. Em Angola toda a gente o conhece — ou conhecia — apenas pelo nome de guerra. Lídia do Carmo Ferreira disse-me que ele nasceu no Dondo, filho de um médico goês e de uma enfermeira angolana, «uma mulata de sangue azul». Por isso não me surpreendi quando, anos mais tarde, soube que o haviam visto em Goa.

«*King Fisher*, a cerveja mais vendida na Índia, tem um gosto encrespado e límpido, que a faz amada por milhões.» A frase está no rótulo daquela que é, realmente, a cerveja mais consumida na Índia. Agrada-me, na frase, o gosto encrespado e límpido. Tento imaginar adjetivos

mais apropriados para caracterizar o travo da *King Fisher* e não consigo. Há pouco desafiei Lili para um exercício:

— Pensa num fruto e descreve o gosto dele. Não a forma ou a cor. Apenas o gosto. Tenta fazer isso de maneira a que eu consiga adivinhar de que fruto se trata.

Lili saiu-se bem:

— Acho-o caloroso, talvez mesmo estridente, porém, no fundo, apaziguador.

Falava do fruto (o maracujá) como se fosse alguém da sua intimidade. É o que fazem os enólogos com os vinhos.

— Devias escrever poesia — disse-lhe. — Ou procurar emprego numa agência de publicidade.

Jantamos no Venite. Na última semana vim aqui todas as noites. Lembro-me de ter visto, já não sei onde, uma fotografia do revolucionário mexicano Fortuno Sorano, companheiro de Zapata e Pancho Villa, diante do pelotão que o fuzilou. Mãos nos bolsos, chapéu descaído sobre os olhos, um cigarro insolente ao canto dos lábios, Sorano sorri. Sabe que vai morrer, já está morto, mas o riso dele triunfa sobre a escuridão. É com a mesma grandeza que morre este prédio. No outro lado da rua, diante dos meus olhos, fica o Hotel Anandrashram. Tem janelas de um verde-marinho, com carepas, placas de madrepérola que coam os raios de sol, amaciando-os, transformando-os numa espécie de luar. As carepas, encaixilhadas em grades de madeira, são usadas em Goa desde há séculos. Faltam no entanto muitas carepas às janelas do Anandrashram (caem com facilidade), de forma que estas lembram bocas de velhos. A fachada, lilás, descascada, acrescenta-lhe uma melancolia insuportável. A mim, confesso, atraem-me os lugares assim. Gosto de ficar sentado numa das minúsculas varandas do Venite, como estou agora, a espreitar as pessoas que passam lá em baixo. Trago um pequeno caderno e escrevo. O ruído já não me incomoda.

Conheci Lili há uma semana, na Feira de Anjuna, e desde essa altura ela não tem deixado de me surpreender.

Vi-a pela primeira vez na Feira de Anjuna. Reparei nela porque trazia um sari belíssimo, azul-turquesa, e é raro encontrar uma estrangeira assim vestida. O caminhar absorto daquela mulher aliviava o transtorno em redor. Ao entardecer, no regresso a Pangim, voltou a chover. Ia tão distraído que só a vi quando Sal gritou:

— Olhe!

Havia uma mulher em pé, ao lado de um riquexó, na berma da estrada. O sari azul-turquesa parecia mais escuro por causa da água. A cabeleira ruiva, essa, ondulava ao vento, apesar da chuva, como se fosse uma bandeira de revolta. O motorista, ajoelhado junto ao veículo, lutava com o motor. Parámos e eu perguntei, em inglês, se precisavam de ajuda. O homem levantou-se, sacudiu a água do cabelo, e iniciou um discurso interminável, em concanim, que a mim me pareceu uma prece. Pedi a Sal que traduzisse. «Esse companheiro não sai mais daqui», disse Sal. Fiquei com a sensação de que isso o deixava feliz. Espreitei para dentro do riquexó e compreendi porque é que a passageira decidira esperar à chuva — aquela coisa não tinha tejadilho. O assento estava transformado numa pequena banheira.

Abri a porta do carro:

— Quer entrar? Levo-a para onde quer que seja, se for muito longe tanto melhor, qualquer lugar do Universo.

Estava disposto a transportá-la até Bombaim. Ela sorriu:

— O Universo é muito grande.

Lembrei-me de uma frase que vi, há dias, afixada num Teatro em Margão: «O Universo é um lugar muito grande, talvez o maior de todos...»

Ao lado havia uma outra frase: «O atual estado do nosso conhecimento sobre o Universo pode ser resumido assim: no princípio era o nada, e explodiu.» Contei-lhe isto, no meu inglês sem futuro, enquanto seguíamos para Pangim. Ela está hospedada no Hotel Mandovi. Ao fim de alguns minutos fiz a pergunta inevitável: «*Where are you from?*»

— Portugal.

Portugal? Alta, de ombros largos, rebelde cabeleira ru-bra, ela poderia ser escocesa, dinamarquesa, talvez alemã. Mas ninguém a imaginaria portuguesa. Tentei, sem sucesso, aliviar o ridículo da situação:

— Meu Deus, então porque estamos a falar estrangeiro?

Lili trabalha para uma conhecida instituição britânica, em Londres, como técnica de restauro e conservação de livros antigos, e veio a Goa procurar velhos missais. No caminho explicou-me a sua tese de licenciatura. Ela defende que as marcas deixadas num livro pelo seu manuseamento, ao longo dos séculos, fazem parte da história desse livro — eventualmente são essenciais para compreender essa história — e portanto não devem ser eliminadas. Por exemplo: «Um missal cujas páginas, referentes às leituras para defuntos, apresentem manchas intensas resultantes de manuseamento, leva-nos a pensar numa época, ou local, de elevada taxa de mortalidade.»

Fiquei fascinado:

— Significa isso que você, como restauradora, defende que não se devem recuperar os livros antigos?

Não. Ela acha que se devem restaurar os livros, mas sem apagar as manchas, o talento está em saber fixá-las, impedindo que alastrem e prejudiquem a leitura.

Quando chegámos a Pangim havia um fervor de cigarras pelas ruas. Acordei nessa noite, em pânico, sonhando

que regressara ao Huambo, onde nasci, e que adormecera na minha cama de criança. Vieram então os anjos, milhares deles, montados em enormes gafanhotos de guerra, e começaram a bombardear a cidade. No meu quarto, no Grande Hotel do Oriente, alguma coisa batia ferozmente de encontro às paredes. Acendi as luzes e descobri uma cigarra, um bicho formidável, voltado de pernas para o ar na mesa de cabeceira. Endireitei-a e ela acirrou-se contra mim num estrídulo crescente. Não parecia possível que um inseto, mesmo grande e poderoso como aquele, fosse capaz de gritar assim. Há alguns anos, em Olinda, um estrídulo semelhante despertou-me a meio de uma noite de outubro. A janela aberta não ajudava a refrescar o quarto. Ao contrário, o calor entrava em golfadas húmidas, e com ele o alarme de uma máquina gloriosa, vermelha e brilhante, estacionada em frente à praça. Vi da varanda que se juntava gente à volta dela.

Reconheci algumas pessoas do bairro, em pijama, roupão, o rosto torcido de fúria. Discutiam, aos gritos, tentando alcançar um mínimo de entendimento acima do uivo metálico. Queriam saber de quem era o carro. Um sujeito sólido, em tronco nu, procurou abrir uma das portas para desligar o alarme. Eu já vira aquele rosto, via-o com frequência, mas não fui capaz de me lembrar onde. O homem sacudiu o corpo poderoso, coberto de pelos, reluzente de ódio e de suor, e puxou e empurrou, sem que o carro abrandasse o uivo ou a porta cedesse. O vizinho do segundo esquerdo, um mulato magríssimo, amarelo, de faces chupadas, que só se mantinha vivo por pura inércia (ou talvez por não ter onde cair morto) atirou o punho contra o tejadilho. Logo alguém acrescentou um pontapé. A máquina estremeceu e calou-se. Antes, porém, que a tensão se dissipasse disparou um berro terrível, agudo, que parecia

aumentar a cada segundo e possuía o poder de agravar a febre da noite. Então toda aquela gente caiu sobre o ferro cintilante, aos insultos, à pedrada, aos pontapés e eu vi o homem de tronco nu segurando uma barra de metal, a estilhaçar os vidros dos faróis, e depois, em triunfo, de pé sobre o motor, enquanto o bairro inteiro aplaudia, urrava, festejava, debruçado das varandas e das janelas. Ninguém seria capaz de impedir o que aconteceu a seguir. A turba agarrou o carro em peso e atirou-o, voltado ao contrário, para o meio da praça. Regaram-no com gasolina e lançaram-lhe fogo. O uivo foi abrandando enquanto as chamas estalavam, até se transformar num choro fino, num soluço, num suspiro, até a noite o engolir de vez. Ficou apenas uma espécie de cansaço à volta do corpo escuro. Sombras de cabeça baixa. Fecharam-se as janelas. As pessoas regressaram em silêncio às suas casas.

Dois meses depois a carcaça continuava ali, cada dia mais absorta, servindo de abrigo aos gatos errantes. Uma tarde passei pela farmácia para comprar aspirina. O calor emergia do chão, tão húmido e intenso que se nos abandonássemos a ele talvez conseguíssemos flutuar. A minha cabeça estalava.

O farmacêutico recebeu-me solícito. Era um tipo silencioso e educado. Reparei pela primeira vez que tinha braços grossos como um urso e só então reconheci nele o homem em tronco nu que eu vira a destruir o carro. Uma velhinha, com o cabelo pintado de azul-celeste, falava mansamente. «Temos de acabar com isto», dizia. «Não podemos permitir traficantes no bairro.» Voltei para casa, ofuscado pelo fulgor do céu, e com uma matilha de lobos a lutar dentro da minha cabeça. Tirei uma aspirina, coloquei-a na boca, e enquanto ela se desfazia rapidamente, como uma areia amarga, dei-me conta de que sem a presença

da carcaça eu teria dificuldade em acreditar que aquilo de facto acontecera.

Olho a cigarra, agora, presa dentro de um copo de vidro, e já não sei se imaginei tudo — ou se sonhei. O calor, sim, acho-o exatamente o mesmo.